

Por uma nova fixação de valores

por JOÃO PEDRO DE ANDRADE

Certo mediocre escritor francês escreveu algures que o valor dum quadro (cito de memória) se aferia pela cotação do nome que estivesse pintado a um canto. Não podia ser muito profundo o pensamento do autor de "Madame ne veut pas d'enfants". Mas há uma certa verdade naquela observação. Identificando o valor comercial com o valor artístico, e fazendo depois depender êste (e o outro) da maior ou menor aceitação que tivesse o nome do autor do quadro entre os conhecedores e entre os *snoobs*, o escritor mais não fez do que reconhecer que, no nosso tempo, as obras de arte não valem pelo que valem, mas sim pelo ruído que se faz em volta do nome do seu autor, tantas vezes determinado por circunstâncias de todo alheias à arte.

O artista que se disponha a trabalhar recolhidamente, deixando que o seu sentido estético se desenvolva ao contacto com a vida, harmoniosamente, tirando das lições da experiência o pecúlio de impressões e conhecimentos que há-de enriquecer a sua obra, reconhecerá, ao fim dum certo tempo, que agiu como se estivesse isolado no mundo. Esqueceu-se de falar de si,—e ninguém o notou. Conhecia vagamente a existência duma entidade—a crítica,— que tem por função aferir os valores literários e artísticos, premiando-os com o seu aplauso, encaminhando-os com o seu conselho, livrando-os do contacto com as nulidades que pretendem confundir-se com êles, e ao fim e ao cabo encontrou-se a trabalhar sózinho, sem que a crítica o procurasse ou desse por êle. Mostrou-se então um pouco, desceu ao terreiro, expôs os seus motivos de beleza, mas como não transigiu, não apertou a mão a indiferentes, nem chamou amigo a pessoas que via pela primeira vez,—apodaram-no de vaidoso.

Tire-se o que houver de fantasia no exposto e encontrar-se-á o caso de cada artista, reduzido à sua qualidade de artista. Quando assim não acontece é que, revestindo a carcassa do artista, se encontra a pele do homem mundano, que sabe quanto a vida é curta e transitória e conhece—por ver nos outros—o valor do triunfo na hora própria. E assim se transforma o orgulho em vaidade, o inconformismo em transigência, e a personalidade em dispersão.

A crítica tem entre nós um papel geralmente passivo. Qualquer jornal ou revista anuncia que fará crítica a todo o livro de que receber dois exemplares. A crítica cinematográfica e teatral é feita—mesmo quando para dizer mal—à custa das emprêsas, que para êsse fim oferecem os bilhetes de entrada. Tôda a obra, para ser criticada, tem de se pôr ao alcance da vista do crítico, que ainda assim pode passar sem dar por ela.

Grande parte do êxito perante a crítica depende, pois, da audácia ou do *charme* do criticado.

Por outro lado, o apêgo à rotina ou o gôsto também demasiado fácil por tudo que rescende à último moda, fazem que a crítica oscile entre os elogios das glórias caducas e das revelações anacrônicas, mesclados de incompreensão ante as obras verdadeiramente do presente (vidê "Diário de Notícias"), e a exaltação dum conceito de beleza pura dificilmente sustentável.

Esta última atitude crítica tem levado recentemente a exagêros que, nem por provirem de intenções excelentes deixam de constituir estôrvo a uma evolução harmoniosa no género de actividade artística ou literária que pretendem corrigir. É assim que espíritos geralmente lúcidos quando dissertam fora dos preconceitos de escola ou de tendência, se contradizem lamentavelmente logo que os seus argumentos se encaminham num sentido que lhes está demasiado próximo para que lhe vejam os atalhos perigosos. E então se transforma em opressão a liberdade que reclamam, em estreiteza de vistas as largas e arejadas noções de que desinteressadamente são portadores. Êste sector de crítica, o que verdadeiramente interessa porque se dirige ao futuro, merece, por isso mesmo, uma carinhosa mas decidida impugnação

(que felizmente já se anuncia) por parte dos elementos jovens ainda não contaminados de prejuízos que (ai de nós!) tão cedo prenderam os movimentos dos ainda ontem ardorosos combatentes. Querer fixar em normas imutáveis o tipo das obras-primas do futuro é negar o direito a tôdas as audácias, a tôdas as irreverências que, aliadas ao talento ou ao génio, entraram na formação das obras-primas conhecidas.

Não compreendemos uma crítica de antecipação. Nor-teando-nos por ela, como receberíamos as consoladoras surpresas que nos traz tôda a obra inesperada, fruto de esforço individual mais do que de movimento colectivo? E que aceitação merece o critério tendente a eliminar qualquer obra que não caiba dentro das normas preestabelecidas? Onde estariam todos os inconformistas do pensamento e da forma, onde estariam mesmo alguns dos que hoje advogam êsse critério, se êle tivesse sido usado com a mesma dureza antes do seu aparecimento?

A crítica não serve para legislar, mas para compreender e explicar; não para indicar sob a ameaça de sanções os caminhos proibidos, mas para iluminar aquêles que ousadamente os tomem, e para esclarecer os que de fora assistam.

O tipo do crítico sereno e desinteressado é cada vez mais difícil de fixar. Se pertence a uma escola ou a um partido, é-lhe quasi impossível deixar de emitir opiniões subjectivas; se está liberto de filiações ou de tendências, as suas apreciações arriscam-se a ser as do dilettante, do observador superficial, do céptico ou do cínico. Numa época de desagregação e de transição exigir um completo desinteresse equivale quasi a exigir uma completa ausência de personalidade. Ora é precisamente o contrário que se torna necessário no crítico: personalidade fortemente vincada, e ao mesmo tempo capaz de generosidade, de simpatia e de conhecimento dos seres humanos junto dos quais pretende agir. Estas qualidades são incompatíveis com a passividade que, com raras excepções, caracteriza a nossa escassa crítica literária e artística.

O papel da crítica deve ser, ao contrário, activo: não esperar que os valores lhe passem ao alcance, mas ir ao encontro dêles, descobri-los; desprezar circunstâncias secundárias, como idade, modo de vida e grau de cultura oficial, mas penetrar o sentido da obra, venha de onde vier.

Os escritores, entre nós, recrutam-se entre dois grandes meios: o meio jornalístico, o meio universitário. É naturalíssimo que assim suceda. O jornalismo é, para muitos escritores incipientes, a ponte de passagem para as suas mais gratas esperanças; outros é no exercício do jornalismo que depuram o seu gôsto e o seu estilo, e criam aspirações que de outra forma lhes não ocorreriam. Do outro meio, do universitário, surgem os escritores de mais apurado gôsto estético, dirigindo-se a um público mais restrito mas de maiores preocupações intelectuais. Tudo isto é lógico e não deve causar estranheza.

Mas, dum facto que os hábitos consagraram quasi se fez lei. E assim, ser jornalista ou ser doutor é meio caminho andado para se ser escritor, daqueles que a crítica acolhe e acarinha, visto que nos dois sectores há gente amiga incapaz de deixar ficar mal um camarada.

É muito difícil precisar quais os elementos que interveem na formação dum verdadeiro artista ou escritor. Por muito afastadas que andem as actividades artísticas e literárias das preocupações políticas, científicas ou morais (e êsse afastamento não é tão completo como alguns pretendem), o certo é que, para determinarmos e apreciarmos um valor que se afirme na arte ou na literatura, precisamos de ter em vista a época e o meio em que êsse valor se revelou. Não devemos, por outro lado, pretender que êle seja o fruto já esperado, o somatório de tôdas as qualidades e de todos os defeitos da época e do meio que, influndo no seu aparecimento,

(Continua na página imediata)